

— dado bustar em meu tocho, com cavallos de raça fina, e sangue puro, terieis chegado mais depressa, sem embargo disso tivestes a bondade de vir pôr vossa firma em baixo de um contracto de cazamento, cordialmente vos agradeço!

Luzia ficou estupefacta, ella reconheceu suas proprias expressões nessas palavras de mofa que lhe acabam de dirigir os antigos pretendentes á sua mão: todos os olhares fitam-se nella: quasi que desmaia; mas não, ella reúne toda a sua coragem.

(Continuar-se-ha.)

UM BAILE.

Morrerão as conductas, os affrosos,
Com os mais da relé do francezismo.

PHIL. ELYS.

Em dous minutos emenda
O mundo que vae perdido;
E quer que com elle aprenda
Em que quadra, e em que vestido
São proprios punhos de renda.

N. TOLENTINO.

Um dia d'estes entrou-me pela porta dentro o meu amigo Julio, o moço mais estouvado e leviano que há no Rio de Janeiro, mas com uma bôa alma e coração de pomba. Elle será capaz de vos comprometter com toda a cidade,—tanto lhe permite sua levandade; mas também dar-vos-ha sua bolça sem observações, e por isso tantas vezes o hei visto sem dinheiro. Sempre que entra em minha caza faz um barulho insupportavel: atria com cadeiras, cahe-lhe o chapéo, escorrega, quebra-me algum vidro, e acaba por uma grandiosa gargalhada, em que elle percorre duas ou trez oitavas, sem tomar respiração. Julio tem grande leitura dos nossos poetas, e não pôde fallar, nem estar callado sem que esteja repetindo versos, venham ou não a proposito. E' bem mau costume, mas emfim todos nós temos nosso fraco.

— Então como passas, meu macambuzio? me perguntou Julio, e logo continuou:

Eram homens de barba até a cinta,
De retorcidos asperos bigodes,
Não barbicas d'agora amoladinhos
Trescalando pivetes.

— Passo bem, meu folgazão.

— Ora estimo. Saberás que estou agora passando do livro para a memoria todas as bellas odes de Philinto.

— Dou-te os parabens: antes te occupes n'isso do que em fallar mal da vida alheia.

— Oh! nunca, nunca fallei mal de pessoa alguma. Tu conheces o meu genio, e si algum dia me der para ahi seguirei o préceito:

Satyras prestam, satyras se estimam,
Quando n'ellas calumnia o fel não verte;
Quando voz de censor, não voz de zoilo,
O vicio nota, o merito gradúa.

— Sim, sim: todos nós somos bons.

— Acho-te hoje um pouco alegre, que tens?

— Vou ao baile do Catete.

— Quem? tu? E Julio levantou-se, correu toda a salla em gargalhadas, e depois de rir e chorar, — que o riso é irmão gemeo do choro, — veio outra vez tomar assento, e continuou: — Tu, tu vás ao baile!

Magro, de olhos azues, carão moreno.
Bem servido de pés, meião n'altura,
Triste de facha, o mesmo de figura,
Nariz alto no meio e não pequeno!

— Conheço-te uma bella habilidade de papagaio, repetes com maravilhosa facilidade o que aprendeste de cor, mas há tanto tempo que lês poetas e versejadores, há tanto tempo que os decoras, sempre te hei visto repetidor, ainda não me mostraste versos teus!

— Si os não faço é porque não quero. Deste o cayaco com o quarteto de Bocage: ora vamos, mais pachorra. Não deixemos de ser amigos por asneiras.

— Não; sou teu amigo sincero: mas tanta citação de versos enfastia, desperdiça o tempo e não dá proveito. Fazamos um ajuste....

— Qual é elle?

— Quando conversares commigo não has-de repetir versos, ainda que sejam de Camões ou de Philinto.

— E's excommungado no Pindo. Está feito o ajuste: Ora agora dise-me que diabo vas tu fazer no baile?

— Não tenho hoje que fazer, convidaram-me para o Catete, vou divertir-me.

— Pretendes dançar?

— Não danço porque sou da eschola antiga. Creio que a dança é um signal de alegria; ao meaos Horacio disia; — *Pulsandum...*

— Alto, alto, si fallar em latim, fallarei em versos; continue sua demonstração em portuguez, e em... vil proza.

— Não sou maniaço como tu, não te farei citações. E' a dança em meu entender signal de alegria, e não me parece cousa muito alegre andar um homem pelo meio da caza com ar de desdem, batendo com os braços nas costellas, affectando constrangimento no que faz, e em vez de mostrar que se está divertindo e que lhe fazem favor, mostrar-se obsequiador. Depois, a dança é arte avessa á picaria na posição dos pés, e eu não quero que alguém se persuada que ando a cavallo em um baile, ou que danço montado a cavallo.

— Bravo! não pensava que eras tão forte ná dialectica da dança e da picaria. Sem duvida tocarás ou cantarás....

— Nem uma; nem outra cousa. A musica é arte muito sublime, e ninguem se deve expôr a incommodar os outros, quando não tem facil e brilhante execução; gosto e estylo, emfim quando não é verdadeiro artista. Cada qual pôde arrannhar seu instrumento em sua caza, mas ninguem tem direito de ir a caza alheia incommodar pessoas que mal nem um lhe fiseram, e que se reuniram para divertirem-se mutuamente; e um assassinato de qualquer musica não diverte, incommoda,

— E que tal! vás te safando como um homem. Si todos te ouvissem, ninguem

mais reprehenderia dançar, tocar ou cantar.

— Não é assim, todos podem dançar, tocar e cantar, mas eu não quero ridicularisar-me nem prestar-me ao desfructe.

— Porque és um exquisite.

— Seja embora.

— Já sei que pretendes jogar, e que levarás as algibeiras recheadas de boas notas....

— Não, ainda me não viste jogar em parte alguma, aborreço e detesto o jogo, e tenho razões para isso.

— Não quero saber que razões tens para detestar o jogo; tu hoje estás racionador, e sabes que meu genio não me leva para ahi; sou homem das primeiras impressões, emfim obro sempre por inspiração. Mas dise-me que vás tu fazer ao baile?

— Conversar.

— Conversar! tu! zombas commigo: és o homem mais silencioso que tenho conhecido nos circulos de bom tom: tens sempre o ar pensativo d'um negociante que vê seus negocios correrem de travez; emfim parecez um imbecil, e em todas as sociedades em que vás adquires com razão o titulo do maior imbecil do Rio de Janeiro.

— E que tenho eu que os imbecis do Rio de Janeiro me façam a honra de reputar-me seu collega? Si não converso, ouço, e me parece que faço muito bem o meu papel de ouvinte.

— Está bom, está bom. Es um original: vou empenhar-me para obter um bilhete, irei também ao baile, quando me nos para divertir-me á tua custa, e respirar o ar perfumado que respirou Carolina, ao lado do seu ingrato amante. Não sei si te lembrás da historia que nos contou no GABINETE DE LEITURA o nosso amigo doutor.

— Bem me lembro. — E Julio com a pressa com que sahiu, trocou o chapéo e em vez de levar o seu agarrou o meu, que certo lhe cobriria os olhos.

A' noite dei-me ao espelho, vesti-me o melhor que pude e dirigi-me para o Catete. Fiz minha entrada solemne no baile, sendo Julio a primeira pessoa que encontrei.

— Pensei que não vinhas, há duas horas que te esperamos.

— Não sou eu tão conhecido. — Todavia reparei que todas as senhoras que se achavam na salla olhavam para mim, coxiavam com suas visinhas e riam-se. Julio sem duvida quiz divertir-se á minha custa, e dar-me em espectáculo á reunião. Um pouco esquerda era minha posição; finalmente tomei o arbitrio de pegar no braço de Julio, e fil-o passear commigo. Este procedimento, proprio unicamente d'algum habituado a bailes, desviou de mim toda a attenção da sociedade, que se concentrou n'um manchebo de formas elegantes, vestido no ultimo rigor da moda, e tendo em seu porte um ar de desdem, ou mesmo de desprezo para todos quantos o rodeavam, que a mim me não agradou. Perguntei a Julio:

— Quem é aquelle moço?

— E' um Fluminense que nos faz honra: viajou todos os paizes civilizados da Europa, e ha pouco chegou de França. Admi-

ra em tão pouca idade tanta e tão variada leitura, tanta digestão no que leu, em fim tanto discernimento e bom senso.

Julio é moço das primeiras impressões, de inspiração, como já o disse, e si alguma inspiração lhe vem ao coração, ou ao espirito, todo o mundo deve tel-a por tão verdadeira como a proposição — dous e dous fazem quatro. — Quanta gente tem tido reputação de notabilidade em qualquer sciencia ou arte, só por què a Julié aprouve baptisal-a por tal! e quantas vezes o tenho eu visto descontente, fugindo a companhia de seus amigos por que suas reputações se desfizeram como bolhas de sabão! Desconfiando das inspirações de Julio, e tendo boa occasião de certificar-me por mim mesmo do que elle me dizia, pedi-lhe que nos fossemos reunir ad circulo, que se fazia em torno de Henrique, — assim se chamava o Brasileiro viajante.

— Tal é o meu desejo; quero mostrar-te que tenho tino a este respeito.

Podéra disputar com Julio a cerca de seu tino, mas eu queria ardentemente conhecer Henrique. Este mancebo, como já disse, era o centro em que se fixavam as atenções do circulo em que se achava: teria 22 annos, quando muito, fallava com humma velocidade espantosa, tinha ad peito pendurada pequena luneta de tartaruga, que acompanhava os movimentos do corpo, e em quanto fallava tinha unidos o index e o pollegar da mão direita, como quem os tinha occupados com uma pitada, e com essa mão accionava. Julio lhe disse: — Tenho a honra, sr. Henrique, de apresentar-lhe o meu amigo * * *

— Oh! não sabe como fico *chamado* por me haveres *rendido* tão favoravel occasião de fazer meus cumprimentos ao sr. * * *

Este recebimento me deixou com a cara a banda sem saber o que devia dizer. Em fim baluciei algumas palavras de agradecimento, Julio olhou para mim como quem dizia: — O meu amigo reconhece toda a superioridade de Henrique. — Este olhou para mim com tal expressão de desprezo, que me descobriu seu pensamento: si elle o declarasse diria: — Que estupidão! — Eu não fazia melhor juiso de Julio e de Henrique; aquelle não passava, em minha opinião, por menos d'um estouvado, a este dei patente de tolo.

Não gostei todavia d'este encontro por que illudia todas as minhas esperanças: eu queria conversar, mas não me era possivel; achei finalmente que melhor era circumscrever-me nos limites da passibilidade: e ouvir quanto nos quizesse dizer o Brasileiro á estrangeira. Com a minha chegada e meu ar acanhado a conversação cessou, e todos se olhavam para ver quem daria objecto para ella: Julio queria mostrar-me até onde ia o talento de seu protegido e perguntou-lhe:

— Então, sr. Henrique, que diz do nosso estado politico? Que lhe parece o actual ministerio?

Henrique deu um passo atraz, tomou a luneta, pôz-se em terceira posição e disse:

— *Dangerosa* é sem duvida a posição em que se acha o imperio; tenho-me *livrado* a um estudo serio sobre ella, e si *sobre o campo* não se fizer uma reforma de *fond-en-comble* na classe media da sociedade a nação se perderá em... em... um *gouffre* insensível. — O ministerio não me parece *fajonado* para tal circumstancia: os governos devem marchar á frente das necessidades da nação; estes são os principios, *segundo eu*, que devem dirigir qualquer administração. — Lançou então os olhos por todos que estavam presentes, como quem exigia approvação.

Julio dissê-me ao ouvido: — Não é verdade o que te affirmei? — A maior parte dos circumstantes disseram: — Pensa V. S. muito bem. — Não me quadrou a resposta afrancezada, e, para chamal-o a campo, observei que elle tinha illudido a pergunta de Julio alias positivamente, entrando em excusadas generalidades.

— Generalisação de ideias, disse elle, é o principio da civilisação.

— Não duvidarei, mas penso que o sr. Henrique estudou a sociedade brasileira pela sociedade franceza. Nós não temos classe media, e procurar remedio aos males da nação na reforma d'uma classe que não temos, é na minha opinião erro crassissimo. Quizerá tambem que fosse mais positivo em seu juiso sobre o ministerio.

— Já vejo que não tem lido as preciosas obras de Guizot, Michel Chevalier (e acrescentou mais uma duzia de nomes barbaros de não sei que escriptores da Allemanha, em quanto Julio exclamava: — Que erudição!) Quanto ao ministerio que quer que diga! A administração não está em dia com as ideias destes escriptores, ella *escoará* em sua *besonha*. *E' que faz hoje muito calor*.

Vi que o pobre moço suava, e que sem duvida a minha simples observação era causa de seu suor: demais, que me importava a mim mostrar que elle pouco sabia d'aquillo a que profundamente se havia *livrado*, e julguei que melhor era callar-me, tanto mais que um meu amigo se sentava ao piano e principiava as variações de Herz sobre o thema da Cenerentola. Este meu amigo sabe musica, e sabe executar ao piano, por isso prestei-lhe toda a attenção.

Acabadas as variações com geral applauso, perguntei a Henrique que pensava do pianista.

Bah! Sua execução é dura, não tem nervo quando a muzica o exige e faz-se muito *langoroso*.

— Sem duvida V. S. toca piano.

— Ah! sim.

— Si não temesse incomodal-o pedir-lhe-hia que nos regalasse os ouvidos com alguma peça. — Julio juntou seus rogos aos meus, declarando-lhe que a sr.^a D. Engracia muito desejava ouvi-lo.

— Com toda o coração.

Sentou-se ao piano, e tocou alguns preludios de pouca importância, em que mostrou não ser tocador de primeira força;

fitou depois os olhos no tecto, e disse com hesitação:

— Que tocarei?... Ah! não sei se me lembrarei das variações sobre o thema da cavatina de Anna Bolena. Parece-me que ainda não foram tocadas do Rio de Janeiro.

— E' engano seu; essas variações são muito conhecidas pelos nossos pianistas, disse eu.

Henrique principiou pela introdução, tocou o thema, mas quando chegou á primeira variação embaracaram-se-lhe os dedos e passou de repente para uma walsa de Strauss. Como percebi que elle nos queria impingir a walsa pela variação, sempre lh'o notei, ao que elle respondeu com o maior sangue frio: — Sempre me acontece isto... não sei como isto se faz... sei tanta musica que a confundo. — Infelizmente o moço confundiu a walsa de Strauss com a cavatina do Barbeiro de Sevilha, a cavatina com a ouvertura de Fra Diavolo. Ninguém se entendia, Henrique tinha sempre os olhos fitos no tecto, seus dedos pouco ou nada o ajudavam, mas parecia que estava pregado ao piano e que não nos daria descanso. Felizmente uma snra. propoz-se a cantar, e Julio com sua franqueza ordinaria disse-lhe que sabisse do piano.

— Ah! *faço o importuno e impertinente!* — Levantou-se de mau humor, cantando por entre os dentes a aria *Lungi dal caro bene*, e direi em abono da verdade que a não confundiu com outra musica. Alguem veio dar-lhe uma satisfação, ao que elle tornou: — *Eh!* que é que isto me faz? sou amador e toco em circulos de amadores.

Perguntei-lhe que tal achava a voz da snra. que cantava: — Bah! respondeu, quem ouviu Pastas e Malibrans, fica com os ouvidos *ecorchados*.

O homem era tolo perfeito, mas eu, que não sou palmatoria do mundo, dispuz-me a divertir-me com sua toleima. Acompanhei-o á salta do jogo: offereceram-lhe um lugar e elle declarou que só jogava *aos echecs* e *ao tric-trac*. Dançou de chapéo e bengala, por que assim, dizia elle, se dança nos melhores bailes de Pariz. Algumas snras. o acharam atrevido em suas maneiras, por que julgou que impunemente podia requestal-as dançando, o que era, segundo elle dizia, do *melhor tom*.

Não pude mais atural-o, já era tarde, disse a Julio que me retirava, elle acompanhou-me, e como pelo caminho me fallasse muito de Henrique, mostrei-lhe que elle era ainda mais tolo por gabar tanto a um homem que não tinha lado por onde pudesse ser apreciado.

Cheguei a minha casa, escrevi toda esta scena ridicula, que agora vae ser publicada, certo que grande numero de nossos patricios que vae a Europa perde seu tempo. Quereis saber em que dia, e em que anno fui ao baile do Catete? é cousa que pouco importa.

Collaboração do Gabinete.